

# Do consumo à produção de mídia por estudantes de escola pública em Fortaleza - Brasil<sup>1</sup>

*Mauro Michel El Khouri*

*Luciana Lobo Miranda*

## 1. Introdução

É visível a influência das tecnologias digitais nos modos de vida das sociedades na contemporaneidade. O desenvolvimento tecnológico e o surgimento das redes de internet vêm transformando a dinâmica social a partir da atuação direta na atividade humana (CASTELLS, 1999). Vive-se hoje numa cultura do ciberespaço, ou cibercultura, em que novas formas de interação social se configuram (LEMOS, 2013). Entre adolescentes e jovens da atualidade, denominados “nativos digitais” (ALVES, 2007) ou pertencentes à geração “Y” (VASCONCELOS et al., 2010), o modo de vida virtual tem forte incidência, já que cresceram ambientados no mundo informatizado.

A mídia, assim como as novas tecnologias, também se encontra cada dia mais presente na escola, afetando de forma direta o cotidiano dos jovens nas instituições públicas e particulares de educação. Paralelamente às ações políticas e às estratégias curriculares que orientam os usos pedagógicos das tecnologias digitais no campo educacional<sup>2</sup>, observa-se a entrada de equipamentos eletrônicos pessoais no ambiente escolar, como *notebooks*, *tablets*, e principalmente celulares do tipo *smartphone*, que acompanham os jovens em momentos de estudo e lazer, muitas vezes simultaneamente.

---

<sup>1</sup> Trabalho parte da pesquisa: *Juventudes e Mídia: Um estudo sobre consumo, apropriação e produção de mídia por jovens estudantes de Escolas Públicas de Fortaleza*. Pesquisa financiada pelo CNPq e aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

<sup>2</sup> O Parâmetro Curricular Nacional (PCN) brasileiro (BRASIL, 2000) estabelece como meta a inclusão das tecnologias da comunicação e da informação na educação, de modo que se possa incorporar seu entendimento nos processos de ensino, no trabalho e na vida social.

O despertar da cibercultura e a apropriação crescente do ciberespaço ajuda a engendrar novas formas de ser e estar no mundo. A cultura digital reconfigura nos jovens o sentido de linguagem, lazer, sociabilidade e, portanto, subjetividade, afetando também os processos de ensino e aprendizagem. Na esfera educacional, sobretudo em sala de aula, a presença da cibercultura, seu dinamismo e seus múltiplos espaços virtuais tensionam o ambiente estático e a linguagem analógica próprios do sistema de ensino (VARGAS, 2013).

O presente estudo problematiza a incidência das mídias e das novas tecnologias no cotidiano de jovens, discutindo consumo, apropriação e produção de mídia no ambiente escolar. Traz resultados de investigação concebida em duas escolas públicas da cidade de Fortaleza, localizada no Estado do Ceará, nordeste do Brasil, a partir de pesquisa-intervenção realizada nos anos de 2013 e 2014<sup>3</sup>.

A pesquisa se fundamenta teoricamente na análise social do filósofo francês Michel Foucault (2007), que situa a emergência da escola no contexto da sociedade disciplinar na Modernidade. Considera-se o conceito de modos de subjetivação do autor para pensar o sujeito que se constrói historicamente a partir de seu processo de objetivação, como efeito político das relações sociais que envolvem poder e resistência; ampara-se em Gilles Deleuze (1992) ao considerar as novas formas de controle que surgem na contemporaneidade; e se utiliza das contribuições de Paula Sibilia (2012), que alerta para o fato de que a escola, como tecnologia de época, necessita atualizar-se frente à nova maquinaria social que “invade” os muros escolares: o universo midiático, potencializado pelo rápido desenvolvimento das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC).

Do ponto de vista metodológico a pesquisa-intervenção é uma proposta de pesquisa participativa que busca investigar de forma qualitativa aspectos sociais de grupos e coletividades (ROCHA; AGUIAR, 2003). Com base nas contribuições da Análise Institucional Socioanalítica (LOURAU, 1993), a pesquisa-intervenção amplia os fundamentos teórico-metodológicos das pesquisas participativas ao considerar de forma veemente a interferência do pesqui-

---

<sup>3</sup> A pesquisa “Juventudes e Mídia: Um estudo sobre o consumo, apropriação e produção de mídia por jovens estudantes de Escola Pública de Fortaleza”, da qual a presente análise faz parte, é um desdobramento da pesquisa de base quantitativa “Adolescência e Juventude Brasileira: Situações de Risco e Redes de Proteção na cidade de Fortaleza”, realizada entre 2009 a 2011. Esta teve como objetivo traçar o perfil dos jovens estudantes de escola pública de Fortaleza e contou com a participação de 43 escolas, nas quais foram aplicados questionários em 1.140 estudantes entre 14 e 24 anos de idade, com variados temas, tais como: educação, sexualidade, lazer, violência e drogas, dentre outros. (COLAÇO e CORDEIRO, 2013).

sador em relação ao seu campo de atuação. Através das ferramentas-conceito *restituição*<sup>4</sup> e *análise de implicação*<sup>5</sup> a pesquisa é concebida como um campo de coprodução de dados, em que se privilegia o encontro singular que envolve pesquisador, pesquisando e contexto institucional<sup>6</sup>.

A pesquisa foi realizada em duas escolas estaduais, uma profissionalizante (pesquisada em 2013) e outra regular (2014), localizadas em bairros da periferia da cidade. Em cada escola foi realizada uma oficina de vídeo com jovens estudantes de ensino médio, com o tema juventude e mídia, além de observações de campo, conversas informais com educadores e restituições coletivas. As oficinas, que contaram com encontros presenciais (em média, quatro) filmados, com carga horária de 16h e formando grupos de 21 jovens (escola profissionalizante) e de 10 estudantes mais uma professora do laboratório de informática (escola regular), abrangeram momentos de discussão sobre o tema, ensino teórico-prático de linguagem técnica audiovisual, produção de vídeos (planejamento, filmagem e edição) e avaliação<sup>7</sup>. As oficinas atuaram diretamente na produção de analisadores (LOURAU, 1993), suscitando questões ligadas ao uso das mídias dentro e fora do ambiente escolar, por parte dos jovens. No presente trabalho a ênfase será no ambiente escolar.

---

<sup>4</sup> A restituição, que se distingue de devolutiva, consiste em criar dispositivos de análise coletiva da situação que envolve o grupo e a instituição em questão, promovendo a problematização das práticas instituídas considerando os sujeitos implicados no contexto de pesquisa (LOURAU, 1993).

<sup>5</sup> A análise de implicação é uma ferramenta da socioanálise que considera as condições de pesquisa as quais os pesquisadores estão submetidos, incluindo a posição que assume o pesquisador no campo, as relações que ele estabelece com os sujeitos de pesquisa, com as instituições e relações de poder que atravessam a pesquisa e os efeitos dessas relações. Trata-se também de analisar a própria vinculação teórico-epistemológica dos pesquisadores (PAULON, 2005).

<sup>6</sup> No caso da presente pesquisa, instituição pública de ensino superior (UFC) como demanda de pesquisa e as duas escolas da rede estadual de ensino básico como instituições pesquisadas. O termo instituição é concebido aqui, a partir dos estudos da Análise Institucional proposta por René Lourau (1993), como produto histórico da contradição dialética entre instituído (*status quo*) e instituinte (forças latentes). Nesse sentido, considerar o contexto institucional não significa afirmar sua estrutura material e jurídica (AGUIAR; ROCHA, 2007), mas evidenciar as relações de força que atravessam historicamente o campo investigado.

<sup>7</sup> Os momentos de restituição e de oficina de vídeo foram filmados, ora pelos pesquisadores, ora pelos próprios jovens. As falas foram transcritas e adotando nomes fictícios para os participantes.

No primeiro t3pico, faz-se uma contextualiza33o acerca da presen33a das novas tecnologias nas escolas. Em seguida, aborda-se a hiperconectividade como tend33ncia juvenil e sua repercuss33o no ambiente escolar. Por fim, no 33ltimo t3pico, discute-se como o uso das m33dias e das TDIC atravessam as rela33o33es de poder nas escolas investigadas, sinalizando os usos autorizados e n33o-autorizados por parte dos jovens nos contextos institucionais.

## 2. Contextualizando novas tecnologias e cibercultura na escola

A cibercultura consiste no modo de vida contempor33neo orientado pelo uso das TDIC em rede no dom33nio das rela33o33es sociais tanto concretas como virtuais (ciberespa33o). Vem sendo potencializada pelo desenvolvimento das interfaces digitais, pela mobilidade das m33dias e pela converg33ncia dos dispositivos m33veis de informa33o e comunica33o (SANTOS, 2011). Para Andr33 Lemos (2013), a cibercultura caracteriza a passagem da cultura do impresso, a cultura da homogeneiza33o do indiv33duo e das coisas, pr33pria da era moderna, para a cultura do ciberespa33o, da virtualiza33o da comunica33o (L33VY, 1999), em que predomina uma nova din33mica de intera33o social: digital, imediata e rizom33tica.

A cibercultura como modo de vida pr33prio da contemporaneidade vem transformando as formas de pensar e se relacionar na sociedade, afetando com isso a forma33o dos sujeitos e a sociabilidade. Lemos (2013) caracteriza a cibercultura como sendo produto do encontro entre as novas tecnologias e as formas de sociabilidade que delas surgem. Ao estar presente na vida social, a cibercultura se insere t33m33m no cotidiano das institui33o33es educacionais.

De fato, a presen33a da tecnologia no cotidiano dos jovens promoveu sua “invas33o” t33m33m no espa33o escolar, dividindo a opini33o dos educadores em rela33o aos poss33veis benef33cios e prej33z33os que a inova33o pode trazer para o ambiente educacional. Se, por um lado, a m33dia 33 por vezes considerada respons33vel por deseducar crian33as e adolescentes (MIRANDA 2014), por outro, a internet e as novas tecnologias podem se tornar importantes aliados no processo educativo (ALMEIDA, 2005; NASCIMENTO, 2007). No contexto da educa33o p33blica, o novo cen33rio tem gerado disson33ncias no que se refere 33 utiliza33o dos recursos tecnol33gicos na escola refletindo, de um lado, as motiva33o33es pedag33gicas que movem a gest33o educacional das TDIC e, de outro, os interesses dos estudantes por esses recursos. Nas salas de aula os professores dividem a aten33o

dos alunos com os aparelhos tecnológicos em usos não-autorizados<sup>8</sup>; os jovens, por sua vez, encontram-se constantemente dispersos em relação aos métodos didáticos utilizados, que parecem se afastar da atenção geral. Sendo assim, o interesse e a familiaridade do jovem pelas novas tecnologias podem ser úteis ao propósito educativo, porém normalmente são vistos como responsáveis pela desatenção do aluno, e pelas consequências pedagógicas indesejáveis.

A utilização dos recursos tecnológicos na escola transcende aos fins pedagógicos, envolvendo diversos fatores, como o lazer e a sociabilidade. As redes de informação e comunicação atravessam os muros escolares com facilidade, produzindo novos modos de subjetivação em ambiente educacional. A juventude contemporânea com isso se torna a cada dia usuária dos meios de comunicação e consumidora ativa de produtos e serviços relacionados às TDIC. Logo, para Sibilia (2012), a escola, mesmo em atual desvantagem por ser pouco atraente, é mais “um produto entre inúmeros outros, que deve competir para captar a atenção de seus clientes potenciais caso queira conquistar adeptos e subsistir” (SIBILIA, 2012, p. 66).

Sibilia (2012) aponta o desinteresse escolar como o principal motivo da evasão por parte dos jovens. A autora destaca a aspiração da juventude contemporânea por métodos mais lúdicos em sala de aula, já que o ensino baseado na memorização com foco no exame não se sustenta mais numa sociedade midiática. A informação e a comunicação tornaram-se mais acessíveis pelos dispositivos eletrônicos e digitais e, ao mesmo tempo em que atrai a atenção dos jovens, a tecnologia substitui o acúmulo de informações pela velocidade de acesso. É o que demonstra a fala de um aluno durante a oficina de vídeo realizada na escola regular:

Pela internet tudo se torna mais fácil. Por exemplo, eu fico pesquisando direto sobre outros países, como é [determinada] cultura... Pô, pra eu saber

---

<sup>8</sup> Faz-se necessário distinguir aqui os usos formais e informais referentes à abrangência pedagógica em relação ao uso das TDIC nas escolas. Os primeiros seguem programas e políticas públicas educacionais, bem como orientações e práticas pedagógicas da direção e da coordenação escolar. Os usos informais indicam formas de resistência ao uso formal. Podem ser autorizados ou não-autorizados. Como exemplo de usos não-autorizados pode-se citar situações em que se verifica a utilização de celulares, *smartphones*, *tablets* e outros aparelhos dentro de sala de aula à revelia do professor. Mas, resistir não se restringe ao corpo estudantil. Professores e educadores, por vezes, contrariam regras como forma de incrementarem as aulas e de se aproximarem dos jovens, apoiando práticas que nem sempre estão de acordo com orientação superior. Um exemplo disso é a autorização do uso da internet para acessar redes sociais em atividades realizadas no laboratório de informática. Nesse caso o uso informal é autorizado.

disso sem internet, eu teria que viajar pra lá. Com internet não, converso com pessoas de outros países. Na internet também dá pra você aprender outra língua, outro idioma (informação verbal)<sup>9</sup>.

O desenvolvimento da tecnologia digital tem diminuído a distância entre o consumo e a produção de mídia. Jovens tornam-se com isso não apenas consumidores, mas também produtores de conteúdos midiáticos (VIVARTA, 2004), através de sites pessoais e comunitários (*blogs*, *vlogs*, e redes sociais). Segundo Barbalho (2013), a juventude contemporânea vem se organizando para se expressar através da criação, seja recorrendo ao meio artístico, aos meios de comunicação ou à junção entre arte e tecnologia midiática.

As novas tecnologias, através de seu vetor de criação, têm modificado o cenário midiático, onde, de acordo com Primo (2008), a tecnologia digital, além de intensificar os modos virtuais de comunicação interpessoal, promoveu a atualização da mídia tradicional. O autor cita Eduardo Pellanda para ressaltar o processo de interação midiática na sua convergência com os meios tecnológicos e informacionais, e não meramente focar no surgimento de uma nova mídia. Com isso, “[...] a televisão, como aparato, deixa de ser mero aparelho receptor. A TV digital será também uma porta de acesso para a interação no ciberespaço. Em outras palavras, a televisão será usada para muito mais do que assistir à televisão!” (PRIMO, 2008, p. 65).

Mas, se a entrada das novas tecnologias na escola pode contribuir para o ensino aproximando a escola da juventude e potencializando os processos de produção subjetiva, não se pode delegar a ela a responsabilidade da educação. A presença das novas tecnologias na escola reflete as contradições da sociedade contemporânea, já que une a necessidade da informatização do conhecimento com problemas de baixa escolaridade e analfabetismo funcional (ALMEIDA, 2005). Além disso, o simples acesso às novas tecnologias não implica inclusão informacional. Para tal inserção, exige-se minimamente que o usuário saiba “utilizar essa tecnologia para a busca e a seleção de informações que permitam a cada pessoa resolver os problemas do cotidiano, compreender o mundo e atuar na transformação de seu contexto” (ALMEIDA, 2005, p. 70). Por conseguinte, cabe à escola também a função de educar para o uso das mídias e das novas tecnologias. Nesse propósito, projetos e iniciativas que abrangem mídia-educação se fazem presentes nas escolas (FANTIN, 2006), promovendo a utilização da mídia na educação para além de seu uso instrumental (MIRANDA, SAMPAIO e LIMA, 2009).

---

<sup>9</sup> Fala durante a oficina de vídeo da pesquisa *Juventudes e mídia*, realizada em Fortaleza, 2014.

### 3. Hiperconectividade no ambiente escolar

A internet vem se popularizando desde sua criação na década de 1970, e se alastrou a ponto de se tornar elemento fundamental na dinâmica das relações sociais. Hoje tem utilização ampla na economia, na política, na saúde, na educação, nos transportes, enfim, nos mais diversos setores da sociedade. Para Manuel Castells (1999), a internet se tornou o substrato tecnológico de uma nova forma de organização social na Era da Informação, a rede, onde a comunicação e a transmissão de conteúdos ocorrem em escala global, num formato em que predomina a horizontalidade entre os usuários.

No domínio da juventude, a internet parece assumir dimensão específica. A função dos suportes e aplicativos comunicacionais se potencializa, trazendo à tona novas formas de sociabilidade juvenil. Para além da utilização comum presente nos diversos âmbitos das relações sociais, abrangendo serviços, comércio e entretenimento, muitos jovens apresentam a necessidade simples de estarem conectados (SIBILIA, 2012). A conexão virtual passa a ter fim também em si mesma. Por meio de redes sociais digitais (a exemplo de *Facebook* e *Instagram*) e aplicação multi-plataforma de mensagens instantâneas (*Whatsapp*, *Viber*, *Skype*, entre outros), os jovens buscam permanecer *on-line*, numa interação em que a presença do diálogo nem sempre é imprescindível.

A esse respeito, pode-se remeter o sufixo hiper, de hiperconectividade, ao termo hipermodernidade desenvolvido por Gilles Lipovetsky (2004). O autor caracteriza a sociedade hipermoderna por sua fluidez em relação à orientação das condutas, em detrimento dos princípios estruturais da modernidade. Da *era do hiper* emerge o hiperconsumo, no qual o consumo por prazer toma dimensão cada vez maior na vida social. Nesse sentido, a hiperconexão juvenil afirma o desejo dos jovens de permanecerem conectados, independente de uma função específica que a conexão possa exercer em sua vida social.

O acesso à internet por parte dos jovens vem se tornando mais comum. Em atividade de restituição nas duas escolas investigadas, em que se debateram dados quantitativos de 2011 em relação ao tema, coletados entre 2009 e 2011, ficou claro que atualmente os jovens têm hoje acesso à internet com mais facilidade. Muitos estudantes disseram já ter computador com internet em casa. No entanto, a maior parte atualmente acessa através do 3G dos *smartphones*, utilizando-os na escola e ainda compartilhando com os colegas, através do *bluetooth*. Em relação à frequência de utilização, também observou-se uma alteração inclusive de parâmetro. Enquanto que entre 2009 e 2011 os jovens

afirmaram utilizar a internet por tempo determinado (até meia hora, de duas a três horas e de três a cinco horas), prioritariamente no ambiente de *lanhouse* (MIRANDA et col, 2013, p. 12), atualmente parece não fazer sentido tal mensuração. Ao discutir os dados anteriores, eles afirmaram ficar constantemente conectados, seja por *wi-fi*, seja por 3G dos celulares, mesmo quando não estão efetivamente operando na rede, mas apenas “passando para dar uma olhada”.

Essa ampliação ao acesso de modo geral contrasta com a realidade das escolas investigadas, já que os estudantes alegaram ter dificuldades em utilizar a internet oferecida pelas referidas instituições, seja pela falta de estrutura e baixa qualidade do serviço (no caso da Escola regular, onde não tem *wi-fi*), seja por restrição ao uso através de senhas destinadas aos professores e ao núcleo gestor, que os alunos por vezes descobrem até ser novamente bloqueada (Escola profissionalizante)<sup>10</sup>. A fala de uma estudante da Escola regular ilustra o cenário: “A internet da escola não acesso, eu acesso na escola porque o celular pega o *wi-fi* dos colegas” (informação verbal)<sup>11</sup>.

O celular se mostrou ser o equipamento preferido pelos jovens. Por assumirem múltiplas funções<sup>12</sup> em um só aparelho, *smartphones* têm substituído *tablets* e *notebooks* nas escolas. Estudantes afirmaram utilizar o celular para se comunicar, escutar música, jogar, entre outras funções. Não à toa, o celular foi o tema principal de grande parte dos vídeos produzidos pelos jovens nas oficinas realizadas nas duas escolas. Fruto da participação dos estudantes da Escola regular na oficina, o vídeo intitulado “O mundo com celular” contou cinco histórias envolvendo o equipamento: “Do lixo ao luxo” compara os aparelhos antigos e com menos recursos com os mais modernos e atrativos aos olhos dos jovens; “Esse é do ladrão” traz uma vítima de repetidos assaltos postando em tempo real no *Facebook* que, com a ajuda de outros aparelhos escondidos na bolsa,

---

<sup>10</sup> Cabe aqui demarcar algumas diferenças entre as duas escolas. No que se refere à modalidade de ensino, no Ceará, as políticas públicas privilegiam as escolas profissionalizantes, destinando a elas mais recursos para estrutura física e serviços oferecidos. Além disso, existem as peculiaridades de cada gestão. A escola regular não possui acesso à internet via *wi-fi*, e impede a instalação de *softwares* por parte dos alunos e professores. Apenas funcionários autorizados da Secretaria de Educação do Ceará (Seduc) têm permissão para fazê-lo.

<sup>11</sup> Depoimento concedido pela aluna durante a primeira restituição da pesquisa *Juventudes e Mídia*, oferecida para as turmas do 1º ano do Ensino Médio da escola regular investigada. Fortaleza, 2013.

<sup>12</sup> Estudantes afirmaram utilizar o celular para se comunicar, escutar música, jogar, entre outras funções.

narra nesta rede social digital as ocorrências que sofreu; “O último celular do mundo” fala da disputa de todos pelo único equipamento com internet; Em “O *Facebook* vicia mais” uma jovem, por sugestão das colegas, troca o cigarro de maconha pelo celular; por fim, “O celular nas escolas” mostra a popularidade do equipamento dentro dos muros da Instituição. Este último vídeo fez emergir a realidade da própria escola, em que o uso do celular é feito indistintamente por alunos, professores e funcionários, cujos olhos permanecem vidrados, cada um com o seu aparelho.

Observou-se que o celular e outras mídias móveis acompanham os estudantes nos diversos espaços das escolas<sup>13</sup>, estando presentes em sala de aula, no pátio, onde muitos se reúnem no horário do recreio escolar, e em outros ambientes, como o laboratório de informática. Esses equipamentos, sobretudo os celulares do tipo *smartphone*, conectados à internet, sustentam a presença de um ambiente *on-line*, paralelo ao espaço físico, *off-line* da escola. Em certas situações, o *on-line* parece se sobrepor. Foi essa a impressão que os pesquisadores tiveram ao verificar que grande parte dos jovens permanecia em sala de aula mesmo nos horários livres, muitos deles manuseando seus equipamentos. Os jovens afirmaram conversar *on-line* mesmo quando estão próximos fisicamente: “Tipo, semana passada a gente foi pro laboratório de informática. Estava todo mundo na mesma sala e a gente se falando pelo *Facebook*” (informação verbal)<sup>14</sup>.

Assim sendo, seja por falta de outras opções de lazer na escola<sup>15</sup> ou pela preferência dos jovens, verificou-se que o ciberespaço está bastante presente no cotidiano das escolas investigadas, muitas vezes a revela delas, modificando a realidade das instituições e a sociabilidade dos estudantes. Os jovens da escola profissionalizante afirmaram preferir a interação entre eles via *Facebook*. Alguns sugeriram ser mais fácil fazer amizade no campo virtual, outros confessaram

<sup>13</sup> A PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) coletou dados em 2008 e em 2011 referentes à posse de telefone celular móvel para uso pessoal, considerando pessoas com 10 anos ou mais idade. A pesquisa mostrou que, enquanto em 2008 38,4% dos estudantes possuíam celular móvel para uso pessoal, esse número aumentou para 51,3% em 2011 (BRASIL, 2014).

<sup>14</sup> Fala de um aluno da escola profissionalizante durante a restituição da pesquisa *Juventudes e Mídia*. Fortaleza, 2012.

<sup>15</sup> Constataram-se algumas restrições em relação à apropriação do espaço físico nas escolas pesquisadas: a quadra esportiva não é liberada para uso dos alunos no recreio (escola regular), e o pátio costuma ter temperatura bastante elevada devido à forte incidência solar durante o período da tarde, inibindo a permanência dos jovens no local (ambas escolas).

preferir se expressar no ciberespaço, mesmo com os colegas que convivem na escola. Entretanto, alertaram em relação aos possíveis perigos da exposição de si na internet. No próximo tópico será abordado como os jovens se apropriam das mídias e das tecnologias digitais nas escolas pesquisadas e como estas mídias se tornam ferramentas de poder na relação entre jovens e educadores.

#### 4. O uso das mídias e das TDIC pelos jovens: poder e resistência, vigilância e controle

O uso das mídias e das TDIC por parte dos jovens nas escolas públicas investigadas envolve diversos fatores, que estão associados às relações de poder que se estabelecem no cotidiano de ambas. Dentre esses fatores estão basicamente: a lógica disciplinar que predominantemente rege as práticas educacionais; a relação educador-aluno que se estabelece a partir dessa lógica; o consumo e a apropriação dos jovens pelas novas tecnologias e sua repercussão no ambiente escolar; e o aspecto produtor que as mídias e as novas tecnologias proporcionam à experiência juvenil.

A escola, como instituição formada por relações de poder em que a lógica disciplinar ainda é bastante presente, é um espaço marcado por norma, hierarquia e vigilância (FOUCAULT, 2007; SIBILIA, 2012). Tais dispositivos disciplinares atravessam e orientam a conduta dos jovens em relação à utilização das novas tecnologias, delineando usos autorizados e não-autorizados dos aparatos digitais. Um caso comum observado nas duas escolas foi a utilização do celular em sala de aula. Professores se queixaram da presença dos equipamentos dentro de sala, alegando que os alunos utilizam fones de ouvido e trocam mensagens *on-line* durante as aulas<sup>16</sup>. Na oficina de vídeo, um jovem chegou a encenar como utiliza o celular para burlar as regras e se comunicar com colegas em momentos de avaliação pedagógica.

---

<sup>16</sup> No Ceará, existe uma lei estadual (nº 14.146, de 25 de junho de 2008) que proíbe o uso de equipamentos de comunicação, eletrônicos e outros aparelhos similares nos estabelecimentos de ensino, durante os horários de aula, exceto para fins pedagógicos. No entanto, na prática a lei parece não surtir efeito. Para Foucault (DELEUZE, 1988), a lei surge para gerir as ilegalidades. Essa gestão tem participação direta no exercício de poder e resistência que envolve seu uso. Assim sendo, a lei estadual 14.146 suscita, no contexto institucional, não apenas formas de controle em relação ao uso de equipamentos eletrônicos pessoais em sala de aula, mas também a invenção incessante de novas formas de subversão a esse controle.

Por sua vez, os jovens que defendem o uso do celular em ambiente de ensino afirmaram que o utensílio pode trazer benefícios para o aprendizado. Durante um debate com os jovens na oficina de vídeo, uma estudante citou o programa “Malhação”<sup>17</sup>, da Rede Globo, como exemplo de como os recursos da internet, aliados ao dispositivo móvel de comunicação, podem contribuir com o processo de ensino e aprendizado. Segundo a fala da estudante, no referido programa, o professor de matemática estimula os alunos a utilizarem o celular para pesquisar sobre o assunto da aula. Outra queixa dos jovens é que os mesmos professores que proíbem o uso do celular são os que também manuseiam seus equipamentos enquanto lecionam. Mas o uso dos equipamentos pessoais em sala de aula se mostrou polêmico mesmo entre os estudantes. Um jovem afirmou que a ideia não seria produtiva, já que iria dispersar os alunos e fugir do foco da aula. Além disso, disse que os jovens têm tempo para o lazer fora da escola e que muitos já utilizam esse tempo para navegar na internet. Chama a atenção que apesar de ser alvo de polêmica e conflito entre alunos e professores, em ambas, jamais o uso do celular foi debatido.

As escolas também apresentaram usos autorizados das mídias e das novas tecnologias, em que a informática e a internet são utilizadas como recursos pedagógicos. Desde a criação do Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo) no Brasil, em 1997, o Laboratório de Informática Educativa (LEI) tem a função de dinamizar o processo de ensino-aprendizagem, despertando no aluno a curiosidade e a busca pelo conhecimento científico. Assim sendo, “a dimensão da informática na educação não está, portanto, restrita à informatização da parte administrativa da escola ou ao ensino da informática para os alunos” (NASCIMENTO, 2007). O LEI possibilita ao professor ministrar sua aula em ambiente colaborativo com os recursos da internet, promovendo a interação do aluno com aplicativos e conteúdos didáticos para além dos limites da escola.

Na escola regular pesquisada, observou-se que alguns professores utilizam o LEI com esse propósito. Mas são poucos, haja vista as limitações em relação à qualidade da internet disponível na Escola, mencionada no tópico anterior, que afeta também os professores e os setores administrativos. Professores relataram resignar-se depois de experiências frustrantes com atrasos e prejuízos em aulas

---

<sup>17</sup> Malhação é uma série de televisão brasileira para o público adolescente. É produzida e exibida pela *Rede Globo* desde 1995. Atualmente totaliza 22 temporadas e é transmitida internacionalmente. Foi exportada para países como Canadá e Portugal através da *Globo Internacional*. Durante os primeiros anos, o principal cenário da série era uma academia de ginástica fictícia chamada *Academia Malhação* na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro. Embora o título da série permaneça o mesmo, o cenário mudou através dos anos de academia para colégio de ensino médio (WIKIPÉDIA, 2014).

programadas para o LEI, buscando formas alternativas de apropriação da mídia, que não exija seu uso. Assim sendo, uma professora de literatura da escola regular explorou as mídias de forma distinta, utilizando o vídeo com os alunos em trabalhos de fim de ano, de modo que os estudantes tinham a opção de realizar o seminário com apresentação e encenação de obras literárias em sala de aula, através de vídeos produzidos previamente em grupos. A professora relatou que a experiência motiva a participação do aluno, que vê na mídia digital uma forma prazerosa de produzir conhecimento.

A cultura das novas tecnologias potencializa a experiência da produção nos jovens, já que a publicação e o compartilhamento de conteúdos se popularizaram com o advento da internet. Nas escolas pesquisadas, o anseio em produzir era evidente nos alunos. Na escola regular, esse anseio reverberou na criação da Rádio Escolar<sup>18</sup>. Os jovens encontraram nela não apenas uma forma de expressão e comunicação, mas também um instrumento na produção de modos de ser e agir no ambiente institucional. A Rádio Escolar consiste em uma maneira de os jovens se apropriarem dos espaços da escola<sup>19</sup>, bem como se relacionarem com colegas e educadores.

No contexto da hierarquia e da norma, mas também permeada pela cultura do controle predominante nas relações sociais na contemporaneidade, a atuação das TDIC nas escolas assume função peculiar, como instrumento para o exercício de poder entre estudantes e educadores. Observou-se que a presença das novas tecnologias nas escolas pesquisadas intensifica as formas de controle nas interações. O controle é por vezes regido por uma produção retórica de vigilância, que Bruno (2013) nomeou *estética do flagrante*:

Tal estética resulta de um olhar amador cujos aspectos reúnem, em graus diferenciados, traços policiais, libidinais e jornalísticos que participam tanto de seu apelo de real quanto de sua interferência na economia atencional dos espectadores e leitores. Além de capturarem a atenção de um modo diferenciado, elas têm um efeito de vigilância na medida em que supõem – com maior ou menor intensidade – um observador oculto, que vê sem ser visto, traço emblemático do olhar vigilante, e que ingressa nos ambientes midiáticos e jornalísticos com a assinatura do anônimo ou do amador (BRUNO, 2013, p. 105-106).

---

<sup>18</sup> Grande parte dos participantes da oficina de vídeo promovida pela pesquisa *Juventude e Mídia* era também integrada ao grupo da Rádio Escolar. Nas discussões, alguns deles afirmaram que sua participação na oficina tem motivações ligadas às atividades da Rádio.

<sup>19</sup> O Laboratório de informática é o local onde os estudantes se reúnem tanto para operar quanto para discutir sobre os assuntos da Rádio.

Em conversa informal, um dos coordenadores da escola regular falou sobre duas situações interessantes envolvendo o tema, especialmente no que tange à relação professor-aluno. A primeira foi a de um colega professor que, discutindo enfaticamente com um aluno, se viu ameaçado por outra aluna, dizendo que iria filmar a discussão para registrar e publicar sua atitude. O professor logo tratou de rebater e afirmou que se ela o fizesse ele iria mover um processo por uso indevido de imagem e que, com isso, ele iria “tiraria todo o dinheiro do pai dela”. A outra cena envolveu o próprio professor-coordenador em socialização com alunos nos espaços da escola. Uma estudante, apontando uma rachadura no fundo de um prato enquanto lanchava, ameaçou filmar e publicar no *YouTube* incluindo uma possível fala: “Olha aqui o que a escola utiliza para servir nossa merenda!”. Situação semelhante narrada pela diretora da escola profissionalizante, onde uma aluna após filmar os problemas de infraestrutura do local, mostrou à diretora para saber o que poderia ser resolvido por ela e o que seria competência da Secretaria de Educação. Neste último caso, ela pretendia denunciar. A diretora considerou a atitude da aluna ética, pois primeiro quis resolver a questão na própria escola.

Estas situações são emblemáticas da incidência das novas tecnologias na interação social em ambiente escolar. Os dispositivos audiovisuais, presentes nas mídias móveis e potencializados pelos recursos da internet, tornam-se ferramentas de controle nas referidas instituições públicas de ensino. Os jovens se utilizam das mídias e das TDIC em estratégias que alternam resistência, vigilância e controle para conquistar novos territórios em ambiente de ensino, reivindicar seus direitos e defender seus interesses. O uso das novas tecnologias como ferramenta de vigilância e controle não é restrita aos estudantes. Na escola profissionalizante investigada, um dos coordenadores tem o hábito de fiscalizar os alunos *on-line* durante as aulas, conferindo a presença deles no *Facebook* e ordenando, através do ciberespaço, que os alunos saiam da rede social. Vê-se com isso que a função disciplinadora de colocar os alunos para dentro de sala encontra-se adaptada aos ambientes *on-line* e que parte dos alunos considera essa extensão da vigilância como sendo “normal”.

As redes sociais virtuais e as plataformas de compartilhamento de conteúdos nutrem novos regimes de visibilidade na cultura da vigilância e do controle (BRUNO, 2013). O controle age em rede, de forma a contrapor os indivíduos entre si e, ao mesmo tempo, atravessando cada um. Desse modo, o mesmo olhar que documenta e publica é também vigiado. Dessa dinâmica, que envolve a sociabilidade a partir da utilização de redes em conexão, emergem novas formas de ser e de interagir com o outro, em que a publicização da intimidade é o vetor fundamental da relação.

As práticas de exposição da intimidade e narrativas de si na internet parecem ser comuns na conduta juvenil em ambiente virtual. Através de *blogs*, *fotologs* e *sites* de armazenamento e compartilhamento de vídeos, os jovens exteriorizam e tornam públicas informações pessoais íntimas. Numa sociedade em que a exteriorização da intimidade sustenta a autenticidade da subjetividade (BRUNO, 2013), os regimes de visibilidade se intensificam no ciberespaço, pois não se restringem ao controle social: “Ver e ser visto não implica apenas circuitos de controle, mas também de prazer, sociabilidade, entretenimento, cuidado consigo e com o outro” (BRUNO, 2013, p. 67).

O excesso de exposição na internet mostrou ser motivo de preocupação por parte dos jovens em ambas as Escolas. Na visão deles mesmos, os jovens de hoje não pensam antes de postar conteúdos nas redes sociais. Alguns deles relataram experiências com vídeo e *YouTube* que tiveram repercussão negativa na escola e fora de seus domínios. O fato de tanto compartilharem como produzirem conteúdo em texto, foto ou vídeo postados na internet, não necessariamente dão qualidade crítica a estes conteúdos.

## 5. Considerações Finais

A presença da mídia e das novas tecnologias se mostrou marcante em ambas as escolas. Celulares e *smartphones* não só apareceram como equipamentos pessoais utilizados pelos jovens nos diversos espaços (inclusive em sala de aula), mas também nas discussões temáticas e nos vídeos como produtos finais das oficinas. No consumo das mídias, parece haver certo deslocamento da TV para a internet, do formato *broadcasting* para rede. Com isso, aqui os jovens não são meros consumidores. Seu aspecto produtor é potencializado pela possibilidade de publicação imediata de conteúdos digitais por parte dos usuários.

Na educação, as mídias e seus dispositivos tecnológicos ingressam sem anúncio prévio, participando do cotidiano da escola em diversas atividades, que abrangem usos autorizados e não-autorizados. Foi o que se observou nas escolas participantes. Verificou-se que os estudantes acessam a internet para realizar trabalhos escolares; vídeos produzidos pelos próprios jovens são utilizados para apresentar seminários em disciplinas; mas também o celular eventualmente serve como instrumento de consulta não autorizada em avaliações pedagógicas.

A virtualização dos modos de vida juvenil, regada por práticas de controle e vigilância na contemporaneidade, reconfigura as relações interpessoais na escola. A conexão digital entre os jovens não necessariamente os une, mas amplia as

possibilidades de interação. Nessa trama midiática da informação e comunicação que atravessa a sociabilidade, colocam-se em evidência dois pontos: o jogo de poder e a exposição de si. A forma como as novas tecnologias funcionam como instrumentos de mediação nas relações de poder não fornece uma ideia de causa e efeito. Não são as tecnologias que inauguraram as lutas entre os jovens ou entre estudantes e educadores nas instituições educacionais, mas elas delimitam um modo distinto de se buscar soluções para os conflitos que surgem no cotidiano das escolas, a visibilidade para além de seus muros.

A linguagem virtual e as características próprias do ciberespaço parecem atrair os jovens. Dessa forma, os mesmos recursos digitais utilizados para incrementar as estratégias pedagógicas no ambiente de ensino, tanto por parte dos jovens como pelos educadores, estão presentes no lazer e na sociabilidade juvenil. De fato, as mídias e as TDIC estão sendo consumidas e apropriadas pelos jovens através de uma relação prazerosa. Mas, para além de consumo e apropriação, a produção vem assumindo importância fundamental nos modos de ser jovem. Informações e conteúdos de todo tipo são constantemente produzidos nas escolas através de rádio, vídeo, *sites*, *blogs*, entre outros, e veiculadas rapidamente na internet. Desse modo, formas de pensar e agir são construídas e disponibilizadas publicamente, e as subjetividades vão sendo remodeladas.

A presença das novas tecnologias na escola se tornou realidade em diversos âmbitos. Seu uso, autorizado ou não, tem dimensão cada vez maior no dia a dia da instituição, fazendo emergir novas questões e conflitos na relação entre educadores e jovens. Não se pode afirmar, contudo, que as mídias e as TDIC são as redentoras da crise educacional. Tampouco se deve crucificá-las. A análise de sua atuação no campo educacional deve ser feita com base na forma como cada escola lida com elas. As escolas investigadas apresentaram dificuldades na abordagem das mídias e das TDIC como mediadoras na relação com os jovens. No entanto, mostraram que os obstáculos podem ser superados através de uma abertura não apenas da escola como instituição de ensino, mas principalmente dos profissionais que atuam diretamente com os estudantes, para a produção qualificada de mídia. A fala da professora do laboratório de informática da Escola regular pesquisada, que participou da oficina com os estudantes, é encorajadora:

Eu aprendi demais durante esse tempo que tive com eles, agradeço de coração. Foi um ponto a mais pra mim. Eu me superei em 2010 porque em 2010 eu tive meu primeiro contato real com o mundo da computação; eu tinha uma verdadeira, assim, aversão de qualquer coisa nova. Então, eu me superei, de lá pra cá eu tenho... a minha resistência é bem menos com relação às

novas mídias, e a gente toma gosto e tem mais é que tomar porque a gente não pode ficar presa, estagnada; a gente tem que querer aprender porque, felizmente, não é infelizmente não, felizmente, o progresso está aí, nós estamos caminhando com ele e não temos como fugir. Nós não podemos nos esconder do que é novo, das novas tecnologias, a gente tem que esconder a vergonha realmente, colocar a humildade em prática pra desempenhar esses papéis junto com as multimídias, com as novidades, as tecnologias novas. E outra coisa, com relação ao uso do celular em sala de aula, é uma questão pra ser muito, mas muito discutida. Tem sim, o colégio tem que manter a regra, tem que manter a política dele educacional; mas tem muitas formas de...é claro que uma andorinha só não faz verão, jamais isso funcionaria se só eu e outra professora queremos; tem como caminhar sim o uso do celular junto com as disciplinas; porque não vai parar, o uso do celular em sala não é aqui que isso acontece, é em todo lugar do mundo. Se a gente não tem como fugir do que as pessoas veem como um mal, que não é um mal, é o século que a gente tá vivendo, então, se está nos incomodando tanto, então vamos criar uma estratégia que nos beneficie em sala de aula (informação verbal) <sup>20</sup>.

## Referências bibliográficas

- AGUIAR, Katia Faria; ROCHA, Marisa Lopes. Micropolítica e o exercício da pesquisa-intervenção: Referenciais e Dispositivos em análise. **Revista Psicologia Ciência e Profissão do CFP**, n. 4, ano 27, 2008.
- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Tecnologia na escola: criação de redes de conhecimento. In: ALMEIDA, M. E. B.; MORAN, J. M. [orgs.]. **Integração das tecnologias na educação**. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 2005, p. 70-73. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/iniciaissf.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2014.
- ALVES, L. R. G. . Nativos Digitais: Games, Comunidades e Aprendiagens. In: MORAES, Ubirajara Carnevale de. (Org.). **Tecnologia Educacional e Aprendizagem: o uso dos recursos digitais**. Livro Pronto: São Paulo, 2007, v. , p. 233-251.
- BARBALHO, Alexandre. **A criação está no ar: juventudes, política, cultura e mídia**. Fortaleza: EdUECE, 2013.

---

<sup>20</sup> Depoimento feito durante a exibição dos vídeos produzidos na escola, através da pesquisa *Juventudes e Mídia*, realizada com professores e alunos da escola regular. Fortaleza, 2014.

- BRASIL, IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística . Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa\\_resultados.php?id\\_pesquisa=40](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=40)>. Acesso em: 23 Out. 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Ensino Médio. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14\\_24.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf)> Acesso em: 17 Dez. 2014.
- BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser:** vigilância, tecnologia e subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede** – a era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- COLACO, Veriana. E CORDEIRO, Andréa. (org.) **Adolescência e Juventude:** Conhecer para Proteger; São Paulo, Casa do psicólogo, 2013.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações:** 1972-1990. São Paulo: Ed. 34, 1992. 226 p.
- FANTIN, Mônica. **Mídia-educação:** conceitos, experiências e diálogos Brasil-Itália. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalheite. 34 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007 – 288p.
- LEMONS, André. **Cibercultura:** tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 6 ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo. 34ª Ed., 1999.
- LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos;** tradução Mário Vilela. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.
- LOURAU, René. **René Lourau na UERJ** – Análise institucional e práticas de pesquisa. Rio de Janeiro. UERJ, 1993.
- MIRANDA, Luciana Lobo. **Escola e mídia:** encontros possíveis, despedidas necessárias. Anais VII Colóquio Internacional de Filosofia da Educação, Rio de Janeiro, UERJ, 2004. Disponível em: <http://www.filoeduc.org/viicife/adm/impessos/trabalhos/TR420.pdf>. Acesso em: 05/12/2014.
- MIRANDA, Luciana Lobo; et al. Consumo e produção midiática por estudantes de escolas públicas de Fortaleza/Brasil. **Interacções**, nº 26, pp. 169-190, 2013.
- MIRANDA, Luciana Lobo; SAMPAIO, Inês Sílvia Vitorino; LIMA, Tiago Régis. Fazendo mídia, pensando educação: reverberações no mesmo canal. **Comunicação & Sociedade**, Ano 30, n. 51, p. 89-112, jan./jun. 2009.
- NASCIMENTO, João Kerginaldo Firmino do. **Informática aplicada à educação.** Universidade de Brasília: Brasília, 2007.

- PAULON, Simone Mainieri. A análise de implicação como ferramenta na pesquisa-intervenção. **Revista Psicologia e Sociedade**, n. 3, ano 17, 2005.
- PRIMO, Alex. Fases do desenvolvimento tecnológico e suas implicações nas formas de ser, conhecer, comunicar e produzir em sociedade. In: **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder**. PRETTO, Nelson de Luca; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da [orgs.]. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: <<http://impropriedades.files.wordpress.com/2008/08/livroalemredes.pdf>>. Acesso em 13 ago. 2012.
- ROCHA, Marisa Lopes; AGUIAR, Katia Faria. Pesquisa-intervenção e a Produção de novas análises. **Revista Psicologia Ciência e Profissão do CFP**, n. 4, ano 23, 2003.
- SANTOS, Edméa. Introdução. In: MEC, BRASIL. **Cibercultura: o que muda na educação**. Ano XXI, boletim 03. Rio de Janeiro: TV Escola/ Salto para o Futuro, 2011. Disponível em: <http://salto.acerp.org.br/fotos/salto/series/212448cibercultura.pdf>. Acesso em: 23 Out. 2014.
- SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- VARGAS, Francielle Alves. **Tecnologias enquanto linguagem: desafios e perspectivas das novas linguagens em sala de aula**. Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.
- VASCONCELOS, K. C. A. *et al.* **Geração Y e suas âncoras de carreira**. *Gestão Organizacional*, v. 8, p. 226-244, 2010.
- VIVARTA, Veet. **Remoto Controle: linguagem, conteúdo e participação nos programas de televisão para adolescentes**. São Paulo: Cortez, 2004.
- WIKIPÉDIA. **Malhação**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Malha%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 27 Out. 2014.